

## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em *Quarto de Despejo***

*Mental health challenges at the intersection of gender and race: notes on the experience of a poor, emotionally intelligent black woman, single mother, in Quarto de Despejo*

Jeferson Luis Lima da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo investigou a interseccionalidade e sua relação com a saúde mental, focalizando a protagonista do livro *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus. Utilizando uma abordagem interseccional, examinou-se como ser uma mulher negra, mãe solteira, de baixa renda e emocionalmente inteligente impacta sua saúde mental diante das adversidades da pobreza extrema. Métodos de análise textual, revisão bibliográfica e contextualização histórica e sociocultural foram empregados para compreender o impacto da obra. A pesquisa qualitativa revelou as competências emocionais de Carolina, como resiliência, empatia e automotivação. Destaca-se a importância da abordagem interseccional na compreensão da saúde mental, ressaltando a necessidade de políticas sensíveis às diversidades socioculturais. A obra de Carolina Maria de Jesus ressalta a importância da representatividade na literatura, dando voz às comunidades marginalizadas e instigando reflexões sobre desigualdades sociais. Este estudo visa contribuir para uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa com as diferenças, promovendo a valorização das estratégias de enfrentamento e resiliência de mulheres negras, mães solteiras e de baixa renda.

**Palavras-chave:** Inteligência emocional. Invisibilidade social. Literatura negra feminina. Interseccionalidade. Saúde mental.

**Abstract:** This study investigated intersectionality and its relationship with mental health, focusing on the protagonist of the book *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus. Using an intersectional approach, it examined how being a Black woman, single mother, low-income, and emotionally intelligent impacts her mental health in the face of the adversities of extreme poverty. Methods such as textual analysis, literature review, and historical and sociocultural contextualization were employed to understand the impact of the work. The qualitative research revealed Carolina's emotional competencies, such as resilience, empathy, and self-motivation. The importance of the intersectional approach in understanding mental health was emphasized, underscoring the need for policies sensitive to sociocultural diversities. Carolina Maria de Jesus's work highlights the significance of representation in literature, giving a voice to marginalized communities and prompting reflections on social inequalities. This study aims to contribute to a fair, equitable, and respectful society that values the coping and resilience strategies of Black women, single mothers, and those with low income.

**Keywords:** Emotional intelligence. Social invisibility. Black women's literature. Intersectionality. Mental health

---

<sup>1</sup> Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor na Educação Básica e Ensino Superior. ORCID: [0000-0002-8754-8698](https://orcid.org/0000-0002-8754-8698). E-mail: [prof.jefersonlima@gmail.com](mailto:prof.jefersonlima@gmail.com).



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

### **Notas introdutórias**

*Quarto de Despejo* é um livro que retrata a vida de uma mulher preta, mãe solteira, pobre e emocionalmente inteligente, vivendo em condições precárias na favela do Canindé, em São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960. De acordo com Goleman (1999), considera-se emocionalmente inteligente aquela pessoa que possui habilidades e competências relacionadas ao reconhecimento e gerenciamento tanto de suas próprias emoções quanto das emoções alheias. Tais habilidades contribuem para um desempenho mais eficaz em vários aspectos da vida, abrangendo o trabalho, os relacionamentos pessoais e o bem-estar geral.

Nesse contexto, a obra oferece uma perspectiva de saúde emocional ao explorar a experiência de marginalização, opressão e racismo enfrentado por Carolina Maria de Jesus e pelos habitantes da favela na época. É importante destacar que segundo Oliveira (2017), a violência do racismo, particularmente quando considerada no âmbito do psiquismo, identidades e subjetividades, acarreta impactos psicológicos acentuados nos corpos negros. Esses efeitos começam a se manifestar desde os estágios iniciais da gestação, atravessando a infância, a juventude e estendendo-se à vida adulta. Portanto, a violência e a negação das identidades configuram-se como um massacre, um genocídio que ocorre de forma sistemática na sociedade.

Em suas palavras iniciais, Carolina começa a narrar suas experiências: “15 de julho de 1955. Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu queria comprar um par de sapatos para ela, mas o preço da comida nos impede de realizar nossos desejos” (Jesus, 1997, p. 9). A referência ao preço da comida como um obstáculo para a realização desses desejos evidencia a constante luta pela sobrevivência enfrentada por ela e sua família. Esse trecho inicial estabelece uma conexão emocional com a protagonista e cria um contexto imediato em que se compreende as adversidades enfrentadas por Carolina em sua vida descrita em *Quarto de Despejo*.

Neste cenário, a interseccionalidade tem se mostrado um conceito fundamental para compreender as experiências e vivências de indivíduos que enfrentam múltiplas



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

formas de opressão e marginalização social (Collins & Bilge, 2021). Para Crenshaw (2013), a intersecção de raça, gênero, classe social e outras identidades cria um contexto complexo no qual se entrelaçam desafios, resiliências e estratégias de enfrentamento.

Davis (2016) corrobora com a discussão proposta neste estudo, uma vez que ela defende que as identidades sociais, como raça, gênero, classe, orientação sexual e deficiência, não são mutuamente excludentes, mas se interseccionam e influenciam mutuamente. Portanto, as mulheres negras estão submetidas a uma opressão múltipla, que resulta do racismo, do sexismo e do capitalismo. Para Davis (2016), a interseccionalidade é um conceito importante para entender e combater as desigualdades sociais. Ao reconhecer que as pessoas são oprimidas por mais de uma forma, é possível desenvolver lutas mais inclusivas e eficazes.

Nesse sentido, este estudo busca explorar a interseccionalidade e sua relação com a saúde mental por meio da análise da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Ao explorar as intersecções das identidades da protagonista, propõe-se examinar como a interseccionalidade influencia suas vivências e sua saúde mental. É reconhecido que a saúde mental não pode ser compreendida isoladamente, mas sim em um contexto social e cultural que molda as experiências individuais (Cardoso, Lima & Cunha, 2021). Ao considerar as intersecções de raça, gênero, classe social e emocionalidade, é possível capturar a complexidade das experiências vividas pela protagonista, destacando os desafios enfrentados e as resiliências presentes.

Trata-se de um estudo relevante porque amplia o diálogo sobre a saúde mental, rompendo com a abordagem monocausal e privilegiando uma perspectiva interseccional. Ao trazer à tona a vivência de uma mulher preta, mãe solteira, pobre e emocionalmente inteligente, busca-se uma compreensão mais aprofundada dos fatores que influenciam sua saúde mental e bem-estar.

Além disso, esta pesquisa se baseia na importância da representatividade literária como instrumento de reflexão social. A obra de Carolina Maria de Jesus, uma autora negra e marginalizada, oferece uma visão crua e autêntica das realidades sociais e



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

econômicas das comunidades marginalizadas, proporcionando uma oportunidade de dar voz a essas experiências frequentemente silenciadas.

O estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa. Adotou-se os métodos de análise textual<sup>2</sup>, revisão bibliográfica e contextualização histórica e sociocultural, tendo como enfoque a obra *Quarto do Despejo* (Jesus, 1997). Os resultados da análise foram discutidos à luz dos conceitos teóricos da interseccionalidade e da saúde mental e, exploradas as implicações dos achados para a compreensão da saúde mental de mulheres pretas, mães solteiras e pobres, assim como a relevância da abordagem interseccional na promoção da saúde mental e no combate às desigualdades sociais.

O estudo proposto explora diversas facetas da invisibilidade social por meio de uma análise profunda de três seções distintas. A primeira seção apresenta a obra de Carolina Maria de Jesus, destacando como a autora, por meio de sua narrativa visceral, retrata a dura realidade da vida nas favelas e as múltiplas formas de marginalização. A segunda seção foca na experiência singular das mães que enfrentam a jornada desafiadora da criação de filhos sem o suporte de um parceiro. Explora-se tanto as dificuldades cotidianas quanto as satisfações pessoais que permeiam essa trajetória, lançando luz sobre a complexidade dessa condição. Por fim, a terceira seção adota uma abordagem interseccional para analisar as interações complexas entre gênero, raça, classe social e estado civil. A discussão destaca como esses elementos se entrelaçam para criar uma teia de desafios e discriminações únicas, proporcionando uma compreensão mais profunda das camadas de invisibilidade social enfrentadas por mulheres que se encontram nessa posição específica.

Ao desdobrar essas seções, o artigo busca não apenas expor as nuances dessas experiências, mas também fomentar uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que

---

<sup>2</sup> As citações extraídas da obra *Quarto do Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, foram reproduzidas da forma como são apresentadas nos relatos. Portanto, em vista da necessidade de se preservar o texto original, em termos textuais, vale sublinhar que ao longo do estudo há desvios gramaticais e marcas de oralidade nas narrativas da autora.



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

contribuem para a invisibilidade e marginalização de determinados grupos, promovendo, assim, uma discussão enriquecedora sobre questões sociais prementes.

### **Quarto de Despejo: um retrato da invisibilidade social**

Carolina nasceu no estado de Minas Gerais, entre 1914 e 1921. Como muitos afro-brasileiros nascidos nessa época, ela não tinha certidão de nascimento. Ela cresceu com sua mãe, avô, irmão mais novo e mais tarde seu padrasto na cidade de Sacramento, onde a maioria das casas eram pequenas e funcionais. Seu pai era um artista de rua que abandonou a família logo após o nascimento de Carolina. Sua mãe limpava casas e lavava roupas para famílias brancas que viviam em fazendas na fronteira com a cidade. Ela morreu quando Carolina tinha vinte e poucos anos.

Após a morte da mãe, Carolina Maria se locomoveu tentando se firmar antes de se estabelecer na região metropolitana de São Paulo. Ela também ganhava a vida limpando casas para brasileiros brancos ricos, mas depois de engravidar, foi impedida de entrar na casa em que trabalhava e forçada a se mudar para uma favela. Ela escolheu o bairro do Canindé pela proximidade com um ferro-velho, onde vendia sacos de papel recolhidos e sucata de ferro por centavos.

É na informalidade que viveu Carolina com seus filhos, pois relata em seu diário: “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice” (Jesus, 1997, p. 9). Além disso, as experiências de viver nas favelas são relacionais e diferenciadas por meio de interseções de gênero, classe, diferença geracional, deficiência, cidadania e aqueles sem acesso ao transporte privado e, Carolina acredita que a favela se torna um ambiente degradante conforme relata:

As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são educadas, amáveis. Dias depois usam o calão são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visitas e foram para o quarto de despejo (Jesus, 1997, p. 39).



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

O exame minucioso das favelas urbanas revela uma realidade complexa, onde não se pode considerar uma singularidade uniforme. Contrariamente, emergem distintas comunidades, cada uma com suas próprias nuances e desafios. Dentro desse contexto, torna-se evidente que alguns desses espaços enfrentam uma marginalização mais acentuada do que outros, aprofundando ainda mais as disparidades sociais.

A obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, serve como um ponto focal para compreender as múltiplas facetas dessa realidade. A autora, por meio de seu relato penetrante e pessoal, não apenas expõe a condição de vida nas favelas, mas também destaca a heterogeneidade das experiências vivenciadas por seus habitantes. O entendimento de que viver nessas comunidades não constitui uma experiência homogênea é essencial para uma análise contextualizada da marginalização social.

A visão de Carolina Maria de Jesus de que a vivência nas favelas degrada o ser humano oferece uma perspectiva contundente e provocativa. Essa percepção fundamenta-se na constatação de que a pobreza, a falta de acesso a serviços básicos e a exposição a condições precárias de vida exercem um impacto significativo sobre a dignidade humana. Ao reconhecer a diversidade de experiências nas favelas, torna-se imperativo compreender que a marginalização não é uniformemente distribuída, o que implica que certos grupos enfrentam uma série de desafios agravados.

Essa condição social marginalizada e desfavorecida coloca Carolina em uma situação de vulnerabilidade, na qual as suas necessidades fisiológicas básicas, como a alimentação e o abrigo, são frequentemente comprometidas. A falta de recursos e a escassez de oportunidades acentuam a luta diária por sobrevivência, tornando difícil atender às necessidades mais básicas.

Proposta por Abraham Maslow, a *Hierarquia das Necessidades* postula que as necessidades humanas podem ser organizadas em uma hierarquia, em forma de uma pirâmide. Na base da pirâmide estão as necessidades fisiológicas (alimentação, sono, abrigo), seguidas das necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima e, no topo, as necessidades de autorrealização (Maslow & Lewis, 1987). Neste



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

contexto, o debate sobre a complexa relação de direitos humanos e necessidades humanas enquanto conceitos e sua relevância para os estudos das ciências sociais receberam considerável atenção na literatura científica após o lançamento da obra *Quarto de Despejo*.

Portanto, à luz do que Maslow & Lewis (1987) consideram sobre as necessidades humanas, Carolina enfrenta uma realidade de extrema pobreza e privação. Suas principais preocupações estão relacionadas às necessidades fisiológicas (alimentação, abrigo) e de segurança (proteção contra a violência e as adversidades da vida na favela). A luta constante para suprir essas necessidades básicas é um elemento central da narrativa.

A invisibilidade social, nesse contexto, pode ser entendida como a falta de reconhecimento e visibilidade das condições de vida precárias enfrentadas por Carolina e outras pessoas em situação semelhante. Suas vozes e histórias são frequentemente ignoradas ou marginalizadas pela sociedade, contribuindo para uma sensação de exclusão e falta de dignidade. A obra *Quarto de Despejo* traz à tona essa invisibilidade social, revelando as consequências emocionais e psicológicas desse estado de marginalização e submissão.

A teoria de Pierre Bourdieu, em particular o conceito de *Capital Cultural*, pode ser aplicada ao contexto de invisibilidade social vivido por Carolina. Bourdieu (1987) argumenta que o capital cultural, que inclui conhecimentos, habilidades e experiências culturais, desempenha um papel importante na reprodução das desigualdades sociais.

No caso de Carolina, sua condição de pobreza extrema e marginalização social resulta em uma falta de acesso ao capital cultural valorizado pela sociedade dominante. Ela não teve acesso a uma educação formal e, portanto, não possui as credenciais educacionais e o conhecimento culturalmente legitimado que poderiam proporcionar a ela uma maior visibilidade e reconhecimento social. Ou seja, apresenta suas experiências de rejeição e desdém por parte de pessoas com maior capital cultural, como intelectuais e membros da classe média.





## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

É importante considerar que o próprio título da obra, *Quarto de Despejo*, pode ser associado à falta de capital cultural que a coloca em situação de desvantagem, levando-a ter a impressão de que era um objeto inútil, destinado a ficar para sempre em um lixão, como um lugar de despejo. Essa percepção a torna sensível às características socioespaciais dos ambientes que frequenta; por exemplo, vejamos a comparação da cidade com a favela que a autora faz:

[...] quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 1997, p. 30).

Dessa forma, nota-se que quando Carolina cruza a linha divisória entre esses dois espaços, ela vê o contraste e a conexão entre eles com mais clareza. Essa percepção emocional que a autora possui acerca de sua realidade demonstra o oposto do que é relatado por Raver *et al.*, (2015), o qual sugerem que a exposição crônica à pobreza é uma das experiências associadas à menor capacidade de rotular emoções; não é o caso de Carolina, uma vez que ela consegue identificar, reconhecer e rotular o que sente.

Neste cenário onde Carolina sabe do que sente, Goleman (1999) postula que a inteligência emocional é a capacidade de reconhecer, compreender e gerenciar as próprias emoções e as emoções dos outros. Carolina demonstra uma clara habilidade de reconhecer e expressar suas emoções ao longo da narrativa, o que indica uma consciência emocional desenvolvida. Ela descreve seus sentimentos com detalhes e intensidade, revelando uma profunda conexão com suas emoções internas.

É evidente que Carolina reconhece aquilo que a aflige, ela não esconde o que sente. A autora relata: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir em uma casa confortável, mas não é possível” (Jesus, 1997, p. 22). A respeito deste relato, é importante compreender que não ter condições de uma vida confortável coloca um estresse extraordinário no indivíduo. A insegurança econômica dificulta o planejamento para o futuro e cria tensão nos relacionamentos socioafetivos (Carvalho & Oliveira, 2021).





## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

Portanto, é notório que Carolina vivencia uma série de emoções decorrentes dessa invisibilidade social e insegurança econômica. Em outro momento ela relata:

Por isso que eu digo que a favela é o Gabinete do Diabo. [...] Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior (Jesus, 1997, p. 154).

Neste relato apresentado acima, Carolina demonstra sentir raiva diante das injustiças e desigualdades sociais que enfrenta diariamente. Essa raiva surge do sentimento de ser tratada como invisível, sem voz e sem poder para transformar sua realidade. Essa emoção é muitas vezes acompanhada de frustração, pois Carolina percebe que suas lutas e esforços para superar a pobreza e a exclusão não são valorizados ou levados a sério.

Portanto, é evidente que Carolina experimenta a solidão emocional de viver em um ambiente onde suas dificuldades e necessidades são ignoradas, onde suas experiências não são compartilhadas ou compreendidas por aqueles que estão em uma posição mais privilegiada.

### **A dor e a delícia de ser uma mãe solteira**

A experiência de ser uma mãe solteira é tema central na obra de Carolina Maria de Jesus, trazendo consigo tanto a dor quanto a delícia desse papel. Carolina enfrenta uma série de desafios ao ter que criar seus filhos, sozinha, em meio às condições precárias de vida na favela. A autora colecionava papel, garrafas e latas para moedas, tinha vários empregos de bugigangas e vasculhava latas de lixo em busca de comida para alimentar seus filhos. É possível notar sua forma de sobrevivência nos trechos, como: [...] eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida (Jesus, 1997, p. 30).



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

A dor de ser uma mãe solteira é evidente nas dificuldades que Carolina enfrenta para suprir as necessidades básicas de sua filha. Ela luta para garantir alimentação adequada, moradia segura e acesso a cuidados médicos, muitas vezes se sentindo impotente diante da escassez de recursos e das barreiras sociais que limitam suas possibilidades. Todavia, não esconde de seus filhos a realidade, como pode ser percebido neste relato:

Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos a espera de compradores. As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para o pobre não catar e comer. Os meus filhos nunca comeu bacalhau. Eles pedem: — Compra, mamãe! Mas comprar como! a 180 o quilo. Espero, se Deus ajudar-me, antes deu morrer hei de comprar bacalhau para eles (Jesus, 1997, p. 129).

Mais do que sobreviver, é notório nos escritos de Carolina a sua profunda capacidade de se reconstruir, manter a cabeça erguida e aceitar com entusiasmo o desafio de criar seus filhos com os poucos recursos que possui. Nem todas as pessoas igualmente expostas à adversidade sofrem igualmente e aqueles que se adaptam positivamente, como Carolina, demonstram resiliência.

A compreensão conceitual de resiliência concentra-se na capacidade adaptativa de aprender, combinar experiência e conhecimento, ajustar respostas a fatores externos e processos internos em mudança, e continuar operando (Marchezini & Forini, 2019). Neste caso, o comportamento resiliente de Carolina por meio da adaptação positiva é expressa como um maior nível de inteligência emocional.

Agir com resiliência e buscar por mudança se deve ao impacto da pobreza na vida de Carolina que ultrapassou as barreiras econômicas e financeiras; a autora viveu um dilema social, visto que a relação de Carolina, filhos e vizinhos era ruim e desagradável, conforme pode-se notar em sua fala: “[...] os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socego [*sic*] aos meus filhos” (Jesus, 1997, p. 10).

Cabe considerar que ao lidar com um vizinho que apresenta um comportamento complexo, observa-se que ele está fazendo coisas propositalmente para irritá-la, como é notado em sua fala: “As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas” (Jesus, 1997, p. 13). Além disso, relata momentos em que os vizinhos tentam corrigir seus filhos: “Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos [sic]” (Jesus, 1997, p. 10).

Carolina enfrenta o estigma social associado à maternidade solteira. O antropólogo Erving Goffman (2009) considera que as mães solteiras podem ser estigmatizadas e enfrentar a desaprovação social devido às normas tradicionais de família e maternidade. A filósofa Sara Ruddick (1982) corrobora com essa discussão ao dizer que a maternidade é vista como uma experiência política e argumenta que as mães solteiras muitas vezes enfrentam estigmatização devido à crença de que elas não são capazes de fornecer o ambiente ideal para criar seus filhos.

Em vista das considerações teóricas de Goffman (2009) e Ruddick (1982) é evidente que Carolina Maria de Jesus é julgada e discriminada pela sociedade, que questiona sua moralidade e responsabilidade como mãe. Essas pressões sociais adicionam uma camada adicional de dor e dificuldade à sua experiência como mãe solteira, agravando a sua luta pela sobrevivência.

Nessas situações, a perseguição no meio em que vive prejudica o funcionamento biopsicossocial de um indivíduo e, é um estressor significativo associado ao sofrimento físico e psicológico (Rios *et al.*, 2020). Como um estressor ambiental, a discriminação sofrida por Carolina a coloca numa posição de inferioridade, logo, não consegue emprego e tem problemas com a vizinhança por causa dos filhos, o que aumenta sua excitação negativa e os conflitos interpessoais. Em particular, a coloca em risco de sofrimento psicológico.

É neste contexto que na história de Carolina, a pobreza e a fome enquanto consequência da falta de oportunidades, a faz cogitar a ideia de suicídio coletivo com seus filhos para escapar da dor de viver sob o domínio de um regime corrupto, discriminatório e opressor. Sentimento de impotência, desesperança, frustração e intimidação contribuem para a ambiguidade de atribuição. Esse sofrimento emocional



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

sofrido por Carolina pode ser constatado em sua fala: "Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Quem vive, precisa comer" (Jesus, 1997, p. 150).

O pensamento de Carolina aqui exposto reflete a disseminação desenfreada da pobreza, a qual cria consequências trágicas na sociedade, onde pessoas cometem suicídio por serem privadas de suas necessidades básicas. Durkheim (1897) argumenta que o suicídio não é um ato isolado e impulsivo, mas sim um fenômeno influenciado por forças sociais e estruturais.

No caso de Carolina, sua vida na favela, o enfrentamento à pobreza, a marginalização social e as dificuldades cotidianas para criar os filhos, poderiam ser considerados fatores de tensão social que, segundo Durkheim (1897), podem aumentar as taxas de suicídio. Carolina enfrentou inúmeras adversidades, mas encontrou na escrita uma forma de resistência e expressão, o que pode ter sido uma maneira de lidar com suas dificuldades emocionais.

Mesmo diante do sofrimento psicológico e risco de suicídio, Carolina repensa e relata: "Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome" (Jesus, 1997, p. 137-8). Dessa forma, na vivência precária de Carolina, seus maiores desafios são encontrar comida e proteger os filhos, inclusive de sua própria mente inquieta. Possuir uma virtude louvável como a coragem pode parecer luxuoso para alguém na posição de Carolina. Quando tantas crises ameaçam dominá-la, como as ideias de suicídio, o otimismo e clareza lhe auxiliam a compreender o seu problema e lidar com ele de forma construtiva.

Santos & Wechsler (2020) consideram que o otimismo pode ser definido como a capacidade de permanecer positivo apesar dos obstáculos e de acreditar que eles inevitavelmente criam o caminho da mudança, pois os considera como degraus da conquista e do crescimento. É nesta perspectiva que Carolina repensa a morte, evidenciando sua autoconsciência em reconhecer um sentimento quando ele acontece, perceber o que está por trás, gerenciá-lo adequadamente e canalizá-lo a serviço de um



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

objetivo. Esse típico comportamento de Carolina demonstra sua capacidade em tomar decisões positivas, atribuições causais específicas, temporárias e externas quando confrontadas com reveses.

Portanto, apesar das adversidades, Carolina também encontra delícias na maternidade solteira. Ela encontra forças e inspiração em seus filhos, que se tornam uma fonte de amor incondicional e motivação para enfrentar os desafios diários. Carolina celebra os momentos de afeto compartilhados com os filhos, encontrando significados nesses momentos de conexão e amor familiar, como é demonstrado no relato:

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. E só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar (Jesus, 1997, p. 17).

Nemer (2021) relata que embora as favelas sejam uma manifestação visível e clara de pobreza e opressão econômica, esses lugares também destacam a poderosa engenhosidade e resistência de seus habitantes, como é o caso da Carolina. As anotações em seu diário descrevem sua luta enquanto mãe solo para superar a pobreza, vivendo como uma mulher marginalizada.

A maternidade solteira de Carolina é retratada de forma complexa, capturando tanto os aspectos difíceis e dolorosos quanto às experiências gratificantes e cheias de amor. A obra nos convida a refletir sobre as realidades enfrentadas por mães solteiras em situações de vulnerabilidade social, destacando a resiliência, a força e a saúde mental dessas mulheres diante dos desafios enfrentados.

### **Mulher, mãe solteira, preta e pobre: um diálogo interseccional**

A interseccionalidade é uma abordagem teórica que reconhece a interconexão entre diferentes formas de opressão e discriminação, como gênero, raça, classe social e orientação sexual (Crenshaw, 2002). À luz desta teoria, em *Quarto de Despejo*, a experiência de Carolina como mulher preta, pobre e moradora de uma comunidade



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

marginalizada é permeada por desafios socioeconômicos, racismo e sexismo estruturais, que têm implicações significativas em sua saúde mental.

O racismo estrutural é definido como os sistemas de nível macro, forças sociais, instituições, ideologias e processos que interagem uns com os outros para gerar e reforçar desigualdades entre grupos raciais e étnicos (Oliveira, 2021; Bersani, 2018). Ao analisar os escritos de Carolina, a autora relata: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta” (Jesus, 1997, p. 54). É notório o racismo estrutural associado às características imutáveis devido às suas características físicas.

Em outro trecho, Carolina relata: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros quanto você” (Jesus, 1997, p. 21). Oliveira *et al.*, (2021) relatam que a discriminação racial é uma resposta comportamental externa que é negativa em relação a um grupo racial externo com base nas características étnicas e fenotípicas de seus membros.

As situações de discriminação racial descritas por Carolina podem, segundo, Oliveira, Ribeiro & Rabelo (2021) gerar um sentimento de inferioridade, desvalorização e exclusão. Ela relata insultos e tratamento desrespeitoso baseado em sua cor de pele, o que pode abalar sua autoestima e provocar um desgaste emocional significativo. Porém, o presente estudo destaca a percepção de Carolina sobre essas ofensas. Para a autora:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado [*sic*] do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações [*sic*], eu quero voltar sempre preta (Jesus, 1997, p. 54).

No relato acima, Carolina ressalta sua autoestima e sua valorização pessoal como mulher preta. Ela se reconhece como parte de uma comunidade que compartilha uma história de luta e resiliência. Carolina não hesita em expressar seu orgulho pela cor de sua pele e por sua herança cultural.

Embora Carolina tenha vivido em um contexto de desigualdade e discriminação racial, sua escrita revela uma determinação em afirmar sua identidade e resistir às



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

opressões que enfrenta como mulher preta e, seu orgulho é um aspecto importante de sua visão de mundo e de sua busca por justiça social e igualdade.

Ressalta-se que na obra, os filhos de Carolina também são vítimas do preconceito enraizado. Uma cena de violência social marcante é quando Carolina luta para isolar seus filhos das más influências, mas recebe várias intimações da delegacia de polícia a respeito do comportamento de seus meninos. Depois de algumas visitas lá, e depois que uma vizinha, Chica, denuncia o estupro contra João, Carolina pensa brevemente em internar seus filhos em um abrigo público para sua própria segurança e bem-estar.

Carolina acredita que o acusador de João está mentindo, mas teme que seus filhos estejam em perigo enquanto o assunto está sendo investigado. Logo, é notório que a violência em forma de discriminação pode se sobrepor e se cruzar de várias maneiras e, no caso da acusação do filho de Carolina, é baseada em um direcionamento racial.

A noção de *violência simbólica*, desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2012) refere-se aos processos pelos quais as estruturas sociais dominantes impõem significados, valores e normas que perpetuam a desigualdade e a opressão. Portanto, a violência simbólica afeta os filhos de Carolina por meio da internalização de estigmas sociais e de uma percepção negativa de si mesmos.

É importante considerar que essa preocupação de Carolina é justificada no fato de que a taxa de encarceramento na América aumentou 700% em 50 anos (1970-2019). Em comparação com outros grupos raciais e étnicos, os negros são significativamente mais propensos a serem encarcerados (Borges, 2019). Especificamente no cenário brasileiro, conforme revelado pelo *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2023), há um marco histórico alarmante. A população negra atingiu seu pico mais alto desde o início da série histórica em 2005, configurando-se como 68,2% do total de encarcerados, somando 444.033 indivíduos, de acordo com dados consolidados até 2022. Essa estatística evidencia que a política prisional do Brasil perpetua padrões discriminatórios, contribuindo para a naturalização da desigualdade racial.





## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

A pesquisa do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2023) escancara a dimensão de um fenômeno enraizado ao longo de décadas: a aplicação seletiva da prisão, como instrumento de controle social, como proposto por Foucault (2022), direcionada majoritariamente à população negra. A conclusão do estudo é contundente ao afirmar que o sistema judiciário desempenha um papel significativo na legitimação desse aniquilamento dos corpos negros. Os números corroboram essa afirmativa, evidenciando um aumento de 215% na população branca encarcerada entre 2005 e 2022, ainda que esteja significativamente abaixo dos alarmantes 381,3% de crescimento da população negra no mesmo período.

Carvalho (2023) escreve que as consequências do encarceramento incluem perda de emprego, empregabilidade limitada, incapacidade de votar, participar de júris, concorrer a cargos públicos e, estigma individual, familiar e de vizinhança, sendo este último fator já relatado anteriormente por Carolina. Portanto, é válido dizer que as mensagens negativas e discriminatórias que permeiam o ambiente em que os filhos de Carolina vivem podem influenciar a autoestima e a identidade dessas crianças, afetando sua visão de si mesmas e suas perspectivas futuras.

Um aspecto relevante desta experiência autorrelatada é como a interseccionalidade se manifesta na vivência de Carolina como mulher negra. A discriminação racial e o estigma associado à sua cor de pele acentuam as barreiras que ela enfrenta, ampliando seu isolamento social. Missiatto & Monteiro (2022) relatam que o isolamento pode desencadear sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão, impactando diretamente sua saúde mental.

Sobre a solidão, Carolina pontua:

Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. Aqui, todas imprecam [*sic*] comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. [...] Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo (Jesus, 1997, p. 18).

A solidão de Carolina é resultado tanto das circunstâncias externas em que vive quanto de suas experiências pessoais. Em outro momento, ela relata: “O senhor Manuel



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade [...] prefiro viver só para o meu ideal” (Jesus, 1997, p. 41). Carolina relata a falta de conexões afetivas e a ausência de relações íntimas em sua vida devido ao seu compromisso com a escrita.

Neste cenário em que Carolina se encontra, a experiência de solidão das mulheres pretas difere da solidão entre mulheres brancas, uma vez que ambas enfrentam os efeitos do machismo, mas as mulheres brancas não sofrem com o racismo. Assim, esse fenômeno tem sido visto como uma das consequências de uma sociedade racista e machista, resultante da interseção dos marcadores sociais de gênero e raça (Mizael, Barrozo & Hunziker, 2021).

Porém, mulher autoconfiante, Carolina se recusava a se conformar aos padrões sociais. Ela nunca se casou e se expressava agressivamente às visões racistas. As anotações em seu diário descrevem sua luta para superar a pobreza, vivendo como uma mulher marginalizada, ou seja, sofrendo tanto a discriminação implícita quanto a explícita.

Ao descrever o estigma sofrido pela vizinhança, Carolina demonstra o papel do gerenciamento de emoções nas relações sociais positivas, assim como em sua própria autoestima, visto que mostra ser uma mulher politizada e escreve sobre eventos políticos com suas promessas vazias para os pobres urbanos. Em suas próprias palavras: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo [sic], e nas crianças” (Jesus, 1997, p. 24). Nesta passagem, Carolina deixa transparecer uma perspectiva que destaca a importância da empatia e da sensibilidade social na liderança de um país. Ao sugerir que alguém que tenha experimentado a fome esteja à frente da nação, a Carolina insinua que tais experiências podem cultivar uma compreensão mais profunda das dificuldades enfrentadas pela população mais vulnerável.

Além disso, para Carolina, a ideia de que a fome é uma professora ressalta a capacidade dessa experiência extrema de moldar valores, promovendo um pensamento



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

mais solidário e direcionado ao bem-estar coletivo. A menção específica ao cuidado com as crianças enfatiza a importância de políticas públicas que atendam às necessidades básicas, especialmente das camadas mais jovens da sociedade. Carolina entende que devido à sua experiência, se sente capaz de mudar o contexto em que vive através de seus escritos.

Neste contexto, o senso de autovalorização e autoestima é uma necessidade básica de alívio mental para Carolina, assim como torna-se uma necessidade da qual depende extremamente de sua satisfação com a vida. A respeito, Morrison (2020) escreve que a autoestima é definida como um valor que contém informações de auto imaginação de uma pessoa e que esta acredita sobre todos os atributos e características que possui.

Essa autovalorização é percebida quando ao ser questionada sobre o seu comportamento diante do sucesso do livro, Carolina relata: “[...] fui perdendo o acanhamento e tinha a impressão de estar no céu. A minha cor preta não foi obstáculo para mim. E nem os meus trajes humildes” (Jesus, 1997, p. 169). Logo, os sentimentos e opiniões sobre suas próprias habilidades e características determinam a autoestima de Carolina.

É importante considerar que o senso de autovalorização leva a Carolina a fazer muitas críticas ao sistema político que ela acredita contribuir para a pobreza e a fome dos moradores da favela. Para a autora, o presidente Juscelino é um pássaro na gaiola, e os residentes da favela são gatos famintos que um dia podem se rebelar contra ele se tiverem oportunidade. Em um nível mais cotidiano, Carolina sente que vive em um sistema que conspira contra os pobres. A inflação é galopante e os preços das necessidades básicas, como arroz e farinha, podem ser absurdos.

Muitos leitores e críticos ficaram surpresos que uma mulher preta e sem instrução acadêmica pudesse escrever com eloquência sobre política, racismo e discriminação de gênero. Embora ela tenha apenas dois anos de educação formal, é uma



**Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

mulher inteligente e educada à sua maneira. Suas opiniões são sofisticadas e suas conclusões, complexas.

Dixon *et al.*, (2016) relatam que valorizar o conhecimento experiencial, significa que as pessoas negras marginalizadas têm um ponto de vista distinto. A perspectiva de Carolina, enraizada em experiências vividas com opressão, enriquece a compreensão das questões sociais. Portanto, suas histórias são recursos fundamentais para desafiar o conhecimento normativo e introduzir práticas sociais que sejam otimamente inclusivas, principalmente quando se trata de gênero.

É primordial compreender que o debate sobre a falta de inclusão e desigualdade de gênero sempre foi enquadrado por mecanismos históricos, culturais e geográficos de opressão que são de natureza prática e filosófica. Davis argumenta (2016) que as mulheres negras, em particular, enfrentam múltiplas formas de discriminação e opressão, tendo que superar obstáculos adicionais em suas lutas por igualdade.

Enquanto mecanismo de enfrentamento para opressão e discriminação, a literatura se mostra importante na vida de Carolina, no sentido de que é um reflexo da humanidade e uma forma de se compreender as experiências em um momento da história em que a invisibilidade da mulher pobre, preta e mãe era maior. Ao ouvir a voz de outra pessoa, é possível descobrir como essa pessoa pensa.

Após ser reconhecida na mídia devido aos seus escritos, Carolina demonstra suas expectativas quanto ao momento em que estava vivendo, e seu provável futuro. A autora relata: “Depois fomos na redação e fotografaram-me. [...] Prometeram-me que eu vou sair no Diário da Noite amanhã. Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando” (Jesus, 1997, p. 148). Portanto, ao olhar o impacto da literatura no que tange a melhoria de vida de alguém, nota-se seu propósito em criar um significado, reformar uma nação e criar movimentos.

Carolina demonstra esperança por dias melhores, como relata em “Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer: Vai, vai mesmo! Eu não quero você mais. Nunca mais!” (Jesus, 1997, p. 165). Neste contexto, a



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

esperança é um estado mental positivo que motiva Carolina a ter controle sobre os eventos em evolução e ganhar força para alcançar objetivos.

Finley & Landless (2019) consideram que a capacidade de ter esperança em situações estressantes é influenciada pela avaliação cognitiva da situação e planejamento estratégico de caminhos para alcançar objetivos pessoais. Consequentemente, pessoas com altos níveis de inteligência emocional podem enfrentar desafios, gerenciar conflitos e alimentar-se de auto encorajamento e esperança.

Esse auto encorajamento é perceptível quando Carolina destaca: “[...] por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me vários endereços de editoras que eu devia procurar” (Jesus, 1997, p. 112). A respeito deste relato, nota-se a vontade de Carolina em mudar a realidade com seu livro. Sobre esse comportamento da autora, Almeida (2023) sugere que pessoas emocionalmente inteligentes permanecem alegres e esperançosas e até mesmo têm uma visão otimista da vida futura, mesmo diante dos desafios e adversidades da vida.

É evidente que Carolina Maria de Jesus não usa a inteligência emocional, conforme proposto por Goleman (1999), de forma consciente e intencional, mas sua personalidade resiliente e sua capacidade de expressar seus sentimentos de forma criativa são exemplos de como ela desenvolveu habilidades emocionais importantes para enfrentar as dificuldades da vida na favela, o que evidencia a importância de sua saúde mental.

Santos & Reis (2022) relatam que as escritoras negras oferecem reflexões sobre a luta contra o racismo e a superação de estereótipos relacionados à comunidade negra por meio de personagens que vivenciam situações cotidianas de afeto e harmonia, em uma interação harmoniosa entre o texto e as imagens. Portanto, o diário de Carolina serve para afirmar seu senso de identidade, criar um registro da vida na favela e prestar contas das más ações das pessoas ao seu redor e dos políticos que contribuem para o sofrimento dos pobres. Ela tem coisas mordazes e importantes a dizer sobre a falha da autoridade em atender às necessidades dos pobres, e sua crônica dos muitos casos de



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

criminalidade, racismo e sexismo na sociedade em que vive somam-se a um retrato poderoso.

Carolina é uma pessoa atenta, capaz de trazer à tona a existência de um favelado de maneiras inesperadas e comoventes. Embora muitas vezes seja bastante crítica, ela também tem um senso de humor que ilumina aspectos do que, de outra forma, seria uma história bastante sombria. A autora tornou-se uma porta-voz relutante, em que sua imagem se gabava de encorajar os outros a não deixar que nada os impedisse de seus sonhos. Nos anos após a estreia de Carolina, mais nove livros se seguiram; seis foram publicados após sua morte em 1977. Mas a fama que veio de seus primeiros escritos francos sobre a pobreza não se repetiria.

A igualdade de gênero buscada por Carolina passou a alimentar a próxima geração a buscar priorização das vozes femininas como parte da abordagem dos direitos humanos. Davis (2018) enfatiza a necessidade de solidariedade entre mulheres e a importância de incluir vozes marginalizadas no movimento feminista. Em vista deste pensamento, a escrevivência de Carolina Maria de Jesus ressalta que a luta pela igualdade de gênero não pode ser separada da luta pela justiça social mais ampla. Portanto, refletir sobre a vida de Carolina significa reviver sua dor e pensar em estratégias e políticas que interrompam as nuances de cultura, costumes e tradições que contribuem para ciclos de desigualdade e opressão.

### **Considerações finais**

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender a interseccionalidade e sua relação com a saúde mental por meio da análise da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Através da perspectiva de uma mulher preta, mãe solteira, pobre e emocionalmente inteligente, foram examinadas as interseções dessas identidades e como elas influenciam as vivências e a saúde mental da protagonista.

A análise revelou a complexidade das experiências da protagonista, que enfrenta múltiplas formas de opressão e marginalização em uma sociedade estruturalmente



## **Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em *Quarto de Despejo***

*Jeferson Luis Lima da Silva*

desigual. A interseccionalidade dessas identidades revela uma sobreposição de desafios, em que a raça, o gênero, a classe social e a emocionalidade se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

Ao considerar a saúde mental da protagonista, foram identificados tanto os impactos negativos das opressões vivenciadas, como a discriminação racial e a precariedade econômica, quanto as resiliências e estratégias de enfrentamento que emergem da sua força e inteligência emocional. Essas características são fundamentais para sua sobrevivência em um ambiente hostil e para a busca de melhores condições de vida.

O presente estudo ressalta a importância de uma abordagem interseccional na compreensão da saúde mental, reconhecendo que as identidades sociais não podem ser analisadas isoladamente, mas devem ser consideradas em sua interação e influência mútua. Isso implica a necessidade de políticas e práticas de saúde mental sensíveis às diversidades socioculturais, que levem em conta as experiências específicas das mulheres pretas, mães solteiras e pobres, bem como suas estratégias de enfrentamento e resiliências.

Além disso, esta pesquisa destaca a relevância da representatividade na literatura, como expressão artística e veículo de reflexão social. A leitura da obra *Quarto de Despejo* proporciona um olhar privilegiado sobre as realidades marginalizadas e negligenciadas, trazendo à tona as vozes e experiências daqueles que frequentemente são silenciados. Carolina Maria de Jesus nos convida a uma reflexão crítica e empática, despertando a consciência sobre as desigualdades e desafios enfrentados por mulheres como ela.

Espera-se que este estudo contribua para a ampliação do debate sobre interseccionalidade e saúde mental, destacando a importância de considerar as múltiplas dimensões da identidade na compreensão das vivências individuais e coletivas. Além disso, o estudo reforça a necessidade de promover uma sociedade mais justa e equitativa, onde as diferenças sejam valorizadas e os sistemas de opressão sejam





**Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

combatidos. Somente assim é possível construir caminhos mais inclusivos e saudáveis para todas as pessoas, independentemente de suas identidades.

### **Referências**

Almeida, Jerri. **Morte, Luto e Imortalidade: olhares e perspectivas**. Letra Espírita, 2023.

Bersani, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, 2018.

Borges, Juliana. **Encarceramento em massa**. Pólen - Produção Editorial LTDA, 2019.

Bourdieu, Pierre. Los tres estados del capital cultural. **Sociológica**, v. 2, n. 5, p. 11-17, 1987.

Bourdieu, Pierre. Violencia simbólica. **Revista Latina de Sociología**, v. 2, n. 1, p. 1-4, 2012.

Cardoso, Ângela Maria Rosas; Lima, Maria da Glória & Cunha, Thiago Rocha da. Interseccionalidade de vulnerabilidades infantojuvenis na atenção em saúde mental. **Revista Colombiana de Bioética**, v. 16, n. 2, 2021.

Carvalho, Allison Jacintho de. O sistema carcerário e suas consequências na personalidade do interno. **REVISTA PSIPRO**, v. 2, n. 1, p. 33-51, 2023.

Collins, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

Crenshaw, Kimberlé Williams. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. In: **The public nature of private violence**. Routledge, 2013. p. 93-118.

Crenshaw, Kimberlé. Background paper for the expert meeting on the gender-related aspects of race discrimination. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

Dixon, Adrienne D. et al. **Critical race theory in education**. New York: Routledge, 2016.

Durkheim, Emile. **Le suicide: étude de sociologie**. Alcan, 1897.

Finley, Mark & Landless, Peter. **Viva com esperança**. Casa Publicadora Brasileira, 2019.



**Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023

Foucault, Michel. **"Alternativas" à prisão**: Michel Foucault - um encontro com Jean-Paul Brodeur. Editora Vozes, 2022.

Goffman, Erving. **Stigma**: Notes on the management of spoiled identity. Simon and Schuster, 2009.

Goleman, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Objetiva, 1999.

Jesus, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9ª ed. – São Paulo: Ática, 1997.

Marchezini, Victor & Forini, Henrique Almeida. Dimensões sociais da resiliência a desastres. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 24, n. 2, p. 9-28, 2019.

Maslow, Abraham; Lewis, K. J. Maslow's hierarchy of needs. **Salenger Incorporated**, v. 14, n. 17, p. 987-990, 1987.

Missiatto, Leandro Aparecido Fonseca & Monteiro, Janine Kieling. Revisão integrativa: interseccionalidade negra e LGBTQIA+ na Psicologia Clínica. **Diaphora**, v. 11, n. 1, p. 23-29, 2022.

Mizael, T. M.; Barrozo, S. C. V. & Hunziker, M. H. L. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021.

Morrison, Toni. **A fonte da autoestima**: ensaios, discursos e reflexões. Companhia das Letras, 2020.

Nemer, David. **Tecnologia do oprimido**: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Editora Milfontes, 2021.

Oliveira, Clarice Maynarte; Ribeiro, Larissa Alves & Rabelo, Juliana Lemos. Impacto do racismo na saúde mental da criança negra: uma revisão de literatura Impact of racism on the mental health of black children: a literature. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 28768-28782, 2021.

Oliveira, Dennis. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. Dandara Editora, 2021.



**Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo**

*Jeferson Luis Lima da Silva*

Oliveira, Eliany Nazaré et al. Discriminação racial de jovens negros no Brasil: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, 2021.

Oliveira, Reinaldo José de. Segregação racial, territórios negros e saúde mental. **ODEERE**, v. 2, n. 4, p. 84-109, 2017.

Raver, C. Cybele et al. Poverty, household chaos, and interparental aggression predict children's ability to recognize and modulate negative emotions. **Development and psychopathology**, v. 27, n. 3, 2015.

Rios, Amanda Rodrigues et al. A influência dos aspectos biopsicossociais nas elevadas taxas de suicídio da população transgênero. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 15, 2020.

Ruddick, Sara. Maternal thinking. *In: Philosophy, children, and the family*. Boston, MA: Springer US, 1982. p. 101-126.

Santos, E. M. dos & Reis, M. C. G. A Poética feminina negra na literatura infantil e juvenil: arte e vida. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 14, n. 39, p. 172-194, 2022.

Santos, Márcia Calixto dos & Wechsler, Solange Muglia. Escala de otimismo para adultos: Construção e validação. **Psico-USF**, v. 25, p. 89-100, 2020.